

# ENSAIO VISUAL

**Série Reversos**  
Antonio Fatorelli

Corredor  
2009





Três mulheres  
2009



Nuvem  
2009



Varal  
2009

O século XVIII, no Ocidente europeu, inventou uma disciplina: a estética. A partir daí, o domínio da sensibilidade ganha autonomia teórica e pode ser objeto de um discurso não apenas normativo – artesanal ou técnico – mas filosófico. O sensível aparece como irreduzível às outras ordens da razão.

Essa invenção do estético é pleno de consequências: faz avançar o exame da fisiologia e da psicologia das sensações, torna possível a criação da história e da crítica de arte, contribui pra revolucionar os circuitos de produção de imagem e cria um objeto de interesse chamado *sujeito sensível*. Nossa sensibilidade é, portanto, destino – nervoso e histórico.

A fotografia emerge dos desdobramentos daquele contexto. Há quase dois séculos, ela veio abrir uma dimensão inesperada em nossas relações de espaço e tempo. Arte ou técnica? Registro ou invenção? Ficção ou realidade? Dilemas que ela terminou por abandonar, arrebatada pela paixão de imagens novas. Hoje, desfez-se a fronteira entre gêneros – artes gráficas e plásticas, fotografia, cinematografia, videografia, infografia – sob a pressão dos complexos processos de subjetivação presentes na sociedade contemporânea e da tarefa que, nesse contexto, incumbe à arte. Grafias – portanto, escritas – por onde busca inscrever-se um mutante corpo de sensações.

Ora, desde seu surgimento, a fotografia – uma escrita da luz e com a luz, dependente tecnicamente do espaço perspectivo da *câmera obscura* – transformou, radicalmente, os pressupostos mesmos daquele espaço e contrapôs-se à produção de um mundo de analogias e similitudes. O que torna possível a emergência de um sujeito fotográfico não é a reprodução por semelhança de formas historicamente naturalizadas, mas o registro de uma vizinhança imaginária e, em princípio, aleatória. Na fotografia, o sujeito surge dessa conexão entre um aparato tecnológico, produtor de olhar, de sensação visual,

e um instante qualquer onde uma figura – real ou virtual – se manifesta sob a inclemência do tempo. O estilo da foto é o mundo feito estilo, no distanciamento de uma duração contida. Essa é uma das maneiras de a fotografia pensar a realidade e processar um sujeito para a realidade.

As figuras de Antonio Fatorelli surgem do procedimento que a tecnologia do computador – na busca da expansão do tempo – eleva à potência de um delírio. Figuras da distância, elas se encobrem sem profundidade na superfície mesma do plano. O irreconhecível, um grau acima do invisível, avança sob máscaras impenetráveis a todo projeto de conhecimento verdadeiro. Uma coisa qualquer, perdida e indiferenciada, habita um outro tempo, tempo de um presente que não foi vivido e não pode ser lembrado: invisível, ela começa a surgir do mais remoto, toma o nosso olhar de passagem e o arrasta para arrabaldes de sentimento, desenhando do longínquo uma imagem sem sujeito, a veloz imagem casual que leva o pensamento a se pensar, na visão, como divagação, partida, ausência e finalmente inércia, de onde reúne forças para toda iniciativa.

Como as coisas, com as coisas, o pensamento passa e estaciona em algum lugar inassinável. Nos trabalhos de Fatorelli, os vultos caminham sem passado nem futuro – passos que são passagem pura. Fragmentos ou pormenores, o que sobra da coisa em vias de desaparecer é recolhido como resíduo material, rebelde ao sujeito e ao objeto, à natureza e à máquina.

Destroços da matéria de imagem, acasos do tempo, lapsos de um espaço que se faz sem limite são convocados, pelo fotógrafo, a se manifestar. Menos uma arqueologia do que uma espeleologia do urbano: cavernas de olhos obscuros, na superfície mesma das cidades, provisoriamente iluminadas, em solene travessia, por um espaço e um tempo de estranhamento.

Em suas animações umbráticas, escritas de sombra ou *umbrografias* – escritas de luz que apreciam a sombra –, Fatorelli exerce doce violência sobre percursos anônimos, que correm, célere ou morosamente (impossível decidir) para o silêncio. Ele resolve extraí-los do fundo indiferenciado de momentos que não são nossos e aos quais somente a tecnologia, a serviço da arte, pode aceder. Duplos de uma origem que sempre escapa, tais figuras são também as primeiras matrizes de uma nova temporalidade em suspenso, resultante da mistura insólita de pensamento e extensão. Elas nos conduzem, modulações de desejo, a uma espera ativa, mas sem objeto. O mapeamento curioso da superfície neutra da tela digital não é, porém, desencantado. O

fotógrafo cuida desses seres fugidios, ampara sua fragilidade, celebra, à sua maneira, a alegria indiferente dos começos.

Artista que ensina e pesquisa a história e a teoria da fotografia, Antonio Fatorelli encontra nessas atividades a matéria prima de uma busca mais fundamental, anterior à mestria, ao discurso e ao conceito. Em seus trabalhos corre uma imagem de pensamento em que se agenciam e se contrapõem, de modo singular, as demandas atuais – mesmo trágicas – de nossa condição sensível.

Rogério Luz

#### ANTONIO FATORELLI

*afatorelli@gmail.com*

É doutor (1999) em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutor pela Princeton University (2006) e pelo PPGArtes da Universidade Federal do Ceará - UFC (2014). Realizou várias exposições de fotografia e de imagem digital em que predominam a dimensão experimental e conceitual. É professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECO/UFRJ e pesquisador da imagem e das novas mídias. É pesquisador do Núcleo N-Imagem e do Laboratório de Fotografia, Imagem e Pensamento (ECO/UFRJ). Publicou recentemente os livros *Fotografia contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias*; *Limiares da Imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea*, em colaboração com Fernanda Bruno; *Fotografia e Novas Mídias* e *O que se vê, o que é visto: uma experiência transcinema*, em colaboração com Katia Maciel. Coordena o Seminário Temático Cinema como arte, e vice-versa, da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Coordena o projeto MEDIATECA da ECO/UFRJ, financiado pela Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro.

